

A CIDADE - Ribeirão Preto - 6-4-67

As telas de Antônio Henrique

Antônio Henrique, na Escola de Artes Plásticas, apresentou-se com novas telas, mais livres, intensamente vividas, com acentos vibrantes. Aquela religiosidade calma de tons serenos e bem justificados dos primeiros trabalhos transforma-se nas novas telas, expressando um verdadeiro grito de liberdade, sofrida, porém plena de esperança.

Uma nova religiosidade que não aceita investigações, todavia inquiridora, cheia de perguntas e respostas, sofridas e dolorosas. Nessa nova fase, que considero de transição, Henrique parece ser tomado de uma febre de ansiedade pela busca de uma verdade absoluta, sem compromissos, se não com a própria arte. Notam-se expressões artísticas intensas, carregadas de futuras tempestades, evoluindo cada vez mais em tortuosos caminhos, na esperança de dias luminosos. Vejo que a matéria ganha uma nova tensão febril e os filamentos novos, que tão serenamente dividiam os campos coloridos, hoje desmembram-se furiosamente, segmentados, obedecendo a uma nova revelação, a um novo caminho, carregado de dramáticas consequências.

(Bassano Vaccarini)

Antônio Henrique é um jovem que descobriu a pintura e se incorporou nela com obstinação.

Sua exposição, na Escola de Artes Plásticas, bem mostrou esse desejo de demonstrar que ela faz parte fundamental de sua vida. Seus quadros são dosados de boa paciência e boa técnica para revelar seu mundo um tanto místico, um tanto fantástico. Sua linguagem está certa e já começa a delinear uma evolução rápida de que tanto necessita o artista consciente.

Antônio Henrique sabe o que quer, por isso mesmo levará avante o seu ideal, suas cores e sua temática de bom pintor.

(Francisco Amêndola)

Ao nos aproximarmos dos seus trabalhos, o que primeiro nos atrai é a sua cor intensa. Deparamos com um colorista rico de valores e tonalidades que sabe jogar bem, esses valores e tonalidades, em contrastes e confrontos. Em seguida, penetramos no conteúdo de sua alma, toda interior, subjetiva. Uma realidade inconsciente que é extravasada para a tela numa linguagem perturbadora, de formas que se estruturam, criando um mundo surreal.

(Odila Mestriner)